

Em Tese

A APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE SADOWASOQUISMO ERÓTICO NO BRASIL: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE GLAUCO MATTOSO E WILMA AZEVEDO

The appropriation of the concept of erotic sadomasochism: the importance of Glauco Mattoso and Wilma Azevedo

Mário Jorge de Paiva

Doutor em Ciências Sociais (PUC-Rio)

Pesquisador autônomo

mariojpaiva91@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097> 

A lista completa com informações do autor está no final do artigo 

RESUMO

O presente ensaio possui como objetivo analisar o sadomasoquismo, em sua polissemia; logo, em um primeiro momento, traçaremos diferentes tipos ideais do conceito, para na sequência apresentar como o sadomasoquismo, denominado erótico, chegou ao Brasil, nesse cenário tendo destaque os escritos de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso. Nossa investigação é um recorte qualitativo, dialogando com um aporte teórico formado por autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jorge Leite Jr., Eliane Robert Moraes, Sarah R. Machado, Regina Facchini etc. A conclusão do presente trabalho mostra como o sadomasoquismo erótico não é algo exclusivamente brasileiro, mas uma apropriação e adaptação. Ao chegar aqui, com essa roupagem de Azevedo e Mattoso, ele recebe elementos culturais próprios, que dialogam com nossa época e sociedade. Não é irrelevante, por exemplo, tal crítica existente em Mattoso aos elementos do campo *psi* da época ou o fato do Brasil estar saindo de uma Ditadura Militar, em meados dos anos 80.

PALAVRAS-CHAVE: Sadomasoquismo. BDSM. Glauco Mattoso. Wilma Azevedo.

ABSTRACT

This text aims to analyze sadomasochism, and how in different times, people and institutions have appropriated this concept. At first we will have to trace different ideal types of the concept, in order to present how sadomasochism, called erotic, arrived in Brazil through, for example, the writings of Wilma Azevedo and Glauco Mattoso. Our present research is qualitative, dialoguing with a theoretical contribution formed by authors such as Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jorge Leite Jr., Eliane Robert Moraes, Sarah R. Machado, Regina Facchini etc. The conclusion of this work shows how erotic sadomasochism is not exclusively Brazilian, but an appropriation and adaptation. With Azevedo and Mattoso, it receives its own cultural elements that dialogue with our time and society. It is relevant, for example, Mattoso's criticism of certain niches in the *psi* field or the fact that Brazil was emerging from a military regime.

KEYWORDS: Sadomasochism. BDSM. Glauco Mattoso. Wilma Azevedo.

1 INTRODUÇÃO

A apropriação do sadomasoquismo erótico, e sua adequação ao acrônimo BDSM¹, se desenvolve no Brasil desde, pelo menos, o início dos anos 80, como nos releva Regina Facchini e Sarah R. Machado (2013, p. 199). Existe uma soma entre práticas eróticas e uma adesão explícita ao conjunto de regras relacionadas à sanidade, segurança e consensualidade, envolvendo um campo social múltiplo, que perpassou diagnósticos médicos, nichos de mercado, comunidades políticas e uma rede de publicações alternativas, que se desenvolveu em certo momento da história do país (Facchini; Machado, 2013, p. 199-200).

Com isso em mente, o presente ensaio busca mostrar, através de um aporte teórico múltiplo formado por autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jorge Leite Jr., Eliane Robert Moraes etc., tal complexidade do conceito, dando destaque aos dois autores que muito ajudaram na divulgação do sadomasoquismo erótico: nos referimos a Glauco Mattoso e Wilma Azevedo².

Parte de nosso trabalho será explicitar como o termo sadomasoquismo é polissêmico e como não foi uma particularidade nacional o surgimento da expressão sadomasoquismo erótico. Porém, vemos uma adequação do fenômeno aos elementos próprios da cultura nacional e da época. Não é sem razão, por exemplo, o sadomasoquismo nacional estar em diálogo com o clima do fim dos anos 70, com os resultados da segunda onda sexológica³; além de também dialogar, por exemplo, com o grupo *Somos* e com a pioneira publicação alternativa, *O Lampião da Esquina*, através da figura de Mattoso. Não é irrelevante, também, o país ter passado por um longo período de Ditadura Militar^{4,5}.

Vale ressaltar que Regina Facchini e Sarah R. Machado (2013, p. 200) tratam como havia no Brasil, do fim dos anos 70 e início dos anos 80, uma rede constituída de conexões entre ativistas feministas, pessoas engajadas na luta contrária ao governo dos militares, na defesa por maior liberdade sexual etc. Se Mattoso conseguiu certo reconhecimento, mesmo

¹ No presente artigo, não discutiremos, por exemplo, o desejo de alguns pela mudança do nome BDSM para BDSMK, algo tratado por Machado (2017).

² Ambos os nomes são pseudônimos. Nos anos 80, Mattoso estava na faixa etária dos 20 anos indo para os 30 anos, enquanto Azevedo contava com pouco mais de 30 anos. Mattoso nasceu em 1951, enquanto de Azevedo nós não encontramos tal informação exata.

³ Segundo Jane Russo (2013, p. 175), a segunda fase da sexologia se voltou para os trabalhos de Wilhelm Reich (1897-1957) e os estudos encabeçados por Alfred Kinsey (1894-1956).

⁴ Ver sobre o histórico LGBTI+ também: James Green (2019), James Green e Renan Quinalha (2014), João Silvério Trevisan (2018), Murilo Mota (2019).

⁵ Discutindo Mattoso (2006), por exemplo, como ele conheceu João Silvério Trevisan e de sua importância para ele.

acadêmico, sendo estudado por pesquisadores internacionais e artistas nacionais (Mattoso, 2006), Facchini e Machado (2013, p. 200) vão explicitar como, por outro lado, Azevedo é pouco notada fora do círculo BDSM, sem caráter literário reconhecido, visto que publicou seus escritos em revistas eróticas e depois os compilou em forma de livro.

Mattoso e Azevedo dialogam como conheceram pessoas em comum – vide Henfil⁶, o qual aparece em Mattoso como um podólatra confesso e nos textos de Wilma como um interlocutor e cúmplice (Facchini; Machado, 2013, p. 200)⁷ –, além de ambos escreveram livros que se organizavam com elementos autobiográficos (Facchini; Machado, 2013, p. 201). Wilma relembra como boa parte do que contou sobre si era ficcional, mesmo com tom autobiográfico. Já Glauco se propõe uma autobiografia sexual (Facchini; Machado, 2013, p. 201-202).

O presente ensaio, baseado nas apresentações que realizamos na mesa 3 de Sexualidade e Gênero do XI Congresso Português de Sociologia, 2021, se divide em quatro partes. Começou por tal introdução. Já o segundo seguimento, “A história e os tipos ideais de sadomasoquismo”, visa revisitar uma história ideal do conceito, mostrar suas alterações concebidas como centrais. O terceiro seguinte, “O sadomasoquismo erótico em Glauco Mattoso e Wilma Azevedo”, nos aprofunda na leitura de tais autores, tendo por base principal o livro *Manual do podólatra amador*, de Mattoso (1986), e *Sadomasoquismo sem medo*, de Azevedo (1998). O texto se encerra com considerações finais.

A seleção de ambas as obras é realizada porque acreditamos que elas possuem lugar de destaque na produção desses escritores, mesmo outros recortes de pesquisa sendo possíveis. O livro *A Vênus de Cetim* é pioneiro, porém, é uma obra esgotada e não reeditada desde seu lançamento nos anos 80. Logo, é válido acreditar: ela no meio BDSM atual termina por não possuir grande circulação. Outra questão: por estarmos tratando de uma obra da *fase visual* de Mattoso, não nos aprofundaremos sobre sua produção da *fase cega*⁸. Nosso recorte também envolve certas limitações bibliográficas, no sentido de que ainda são poucos acadêmicos que estudam, sistematicamente, o BDSM no Brasil e suas representações culturais; mesmo que o campo de Gênero e Sexualidade seja muito abordado atualmente.

⁶ Henrique de Souza Filho (1944-1988), escritor, cartunista e jornalista.

⁷ Tendo também eles participado de alguns eventos em comum. Machado (2017, p. 22) escreve, por exemplo, como ambos estiveram no 7^o Encontro Internacional do BDSM, realizado em São Paulo, no Clube Dominna.

⁸ Como é lembrado por Sousa (2010, p. 12), há estas duas fases na obra do poeta Glauco Mattoso. O autor sofreu de glaucoma desde pequeno, sendo que o pseudônimo Glauco Mattoso, faz referência ao glaucoma, doença congênita que o deixou cego em 1995, porque glaucomatoso é aquele que possui glaucoma (Sousa, 2010, p. 9).

Em termos de metodologia, o presente texto envolve uma leitura e análise do material selecionado pelas nossas lentes de análise, que se baseiam, claro, em todo nosso aporte teórico e conhecimento no tema. Usamos aqui desde elementos de uma história das ideias, direciona para o conceito de sadomasoquismo, até uma hermenêutica dos textos. Enquanto um ensaio, o presente texto é descritivo e introdutório, não possui o teste claro de nenhuma hipótese específica.

2 A HISTÓRIA E OS TIPOS IDEAIS DE SADMASOQUISMO

Sadomasoquismo, em termos simples, envolve uma relação entre erotismo e dor. Mas a dor e o erotismo não surgem abstratamente, pois os elementos sociais surgem recobertos de particularidades históricas, culturais etc. Portanto, o que nós conhecemos por sadomasoquismo não é algo sem data. Michel Foucault, por exemplo, comentou: o sadismo não é um nome dado para uma prática tão antiga quanto Eros, todavia era um fato cultural maciço, que surgiu, exatamente, no fim do século XVIII e se constituiu em uma das maiores conversões da imaginação ocidental. Não sendo por acaso como o sadismo é um fenômeno que levou o nome de um homem (Foucault, 2010, p. 359).

Sadomasoquismo enquanto um conceito possui uma história, um desenvolvimento, que, inevitavelmente, está associado ao Marquês de Sade (1740-1814) (Phillips, 2005; Thomas, 1992; Giannattasio, 2000), a Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895) (Leite Jr., 2000; Deleuze, 2009; Sacher-Masoch, 2015) e a eventos que decorreram depois de suas mortes. Vamos dividir o conceito em três tipos ideais (Paiva, 2019).

Marquês de Sade foi um pensador francês libertino (Moraes, 1992), que teve uma vida conturbada, tendo passado grande parte dela preso. Sua escrita, em grande parte, surge de seus anos de prisão. Sua biografia foi cercada de rumores e especulações, como lembra Donald Thomas (1992, p. 247-8)⁹.

Em suas obras mais famosas, vemos violência somada ao erotismo, em uma dimensão extrema e não consensual (Sade, 2006a, 2006b; Castro, 2015). Como trata Jorge Leite Jr. (2000, p. 14-6), o prazer deve ser arrancado, conquistado à força e não concedido. Jorge Leite Jr. (2000, p. 19-20) aborda como a sodomia é uma constante em Sade e em sua época tal prática era considerada crime, tanto que o autor foi inclusive condenado por tal tipo de ato. Os senhores, na obra de Sade, sentem prazer ao serem possuídos, enquanto

⁹ Thomas trata, por exemplo, como William Blake incorporou Sade em seu poema *A revolução francesa* de 1791, sem ter acesso à verdade ou às obras de Sade, não sendo um caso isolado.

os escravos sentem dor. Já a vagina parece ser repugnada por várias das personagens de Sade, por representar o próprio princípio do feminino. Todas as atitudes vistas como femininas – meiguice, graça, ternura, recato, maternidade etc. – são atacadas. A mulher libertina deve ter atitude viril. Mesmo que haja vários momentos de travestismo nas obras de Sade, isto adquire o caráter de transgressão, também servindo para tirar de foco o corpo unissexuado e dar lugar aos corpos andróginos, o libertino mais do que um bissexual deseja ter os dois sexos em um só corpo, nessa leitura (Leite Jr., 2000, p. 20-1), porque o verdadeiro deleite se volta para si mesmo, o autodomínio e indiferença apática são aqui elementos presentes¹⁰.

Os libertinos de Sade passam por uma educação, um treinamento, devem ter mestres, se iniciam e captam nuances da violência. O prazer deve possuir um valor em si e a agonia da vítima não deve interferir nas lições (Leite Jr., 2000, p. 16). O libertino de Sade precisa de vítimas, não de pessoas que ali estejam por vontade própria (Leite Jr., 2000, p. 22). As personagens de Sade não desejam falsos estímulos ou prazeres de dores artificiais (Leite Jr., 2000, p. 22)¹¹.

Já Sacher-Masoch foi autor nascido na Galícia que, como desvela Gilles Deleuze (2009), independente de sua grande obra e de reconhecimento em vida, terminou sendo esquecido, visto apenas como um complemento para tal obra de Sade. Ambos, Sacher-Masoch e Sade, possuíram universos e interesses literários bastante diversos. E os escritos de Sacher-Masoch se mostram de outra ordem, inclusive por carregarem uma grande decência, que realmente não existe na obra de Sade (Deleuze, 2009). Poderíamos, simplificando certas discussões, falar de uma dimensão mais erótica na obra de Sacher-Masoch, enquanto em Sade há muito mais pornografia propriamente dita.

Sacher-Masoch se tornou doutor em filosofia muito jovem, tendo trabalhado também como professor universitário, editor e redator de revistas de literatura (Leite Jr., 2000, p. 28). Mas, apesar de muito trabalho e produção, a obra que termina sendo lida e discutida é *Venus in furs*, em português *A Vênus das peles* (Sacher-Mosach, 2015). O elemento vital da obra de Sacher-Masoch é uma mulher forte, que domina um homem ou mesmo uma comunidade inteira. É a representação de uma mulher senhora de si e dos outros (Leite Jr., 2000, p. 28).

¹⁰ Há em Sade um elemento de *elitismo*, no sentido de que a desigualdade parece surgir como uma lei da Natureza, como desvela Eliane Robert Moraes (2015, p. 122).

¹¹ Tópico também desvelado em Clara Castro (2015).

Em Sacher-Masoch (2015) acompanhamos o relacionamento de Severin com Wanda¹², aquele levando esta mulher almejada para dentro de seu universo de interesses. E, como trata Jorge Leite Jr. (2000, p. 32-3), a mulher idealizada deve flagelar o homem, na carne e no espírito, sendo essa tortura da alma o elemento fundamental para tal cena de Sacher-Masoch, enquanto o suplício físico, exclusivo, não interessa. Deve existir uma humilhação e o sofrimento moral. A flagelação do “escravo” possui quase o mesmo tom de uma purificação, de uma penitência. Ser subjugado por essa mulher poderosa, e cruel, é quase um rito sagrado (Leite Jr., 2000, p. 35).

Aqui vemos mais uma diferenciação, a vítima deve adestrar o carrasco, pois ela controla o jogo erótico. A crueldade como desejo da vítima; em *A Vênus das peles*, acompanhamos como Wanda não quer ser “carrasco” de Severin. Wanda se sente constrangida pelos desejos do outro, aceita tal papel mais como um favor do que um prazer (Leite Jr., 2000, p. 36).

Cinco anos antes da morte de Sacher-Masoch, ele viu sem felicidade, no auge da caça psiquiátrica aos pervertidos, o doutor Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) da Universidade de Viena nomear uma variante da algolagnia, prazer na dor física, com o termo masoquismo (Leite Jr., 2000, p. 29)¹³. Krafft-Ebing se mostra importante, para tal história do sadomasoquismo, graças ao livro *Psichopathia sexualis*, de 1886, que possuiu muito sucesso, com reedições revisadas e ampliadas, além do livro ter sido traduzido para vários idiomas (Leite Jr., 2000, p. 45)¹⁴.

Aqui vemos uma passagem do primeiro tipo ideal de sadomasoquismo para o segundo (Paiva, 2019). Há passagem das obras/ideias de Sade e Sacher-Masoch, propriamente ditas, para uma apropriação de tais autores nos termos de psiquiatria e depois de psicanálise. É assim que Leite Jr. (2000, p. 50) vai mencionar uma passagem do libertino, decidido, de Sade para o sádico, doente, de Krafft-Ebing.

Nesta apropriação inicial do campo *psi*, o mais importante não era defender um cânone literário, mas tratar de pacientes reais, os quais tinham elementos similares aos descritos em tais livros. Não há um libertino igual aos descritos por Sade aqui, todavia essa

¹² Tais personagens se conhecem em um *resort* nos Cárpatos, cordilheira montanhosa da Europa Central, e iniciam sua relação em tal cenário. Em que acompanhamos o relacionamento deles de seu início ao fim, o que também envolve Wanda ter se interessado por outro homem, em Florença.

¹³ Como escreve Eliane Robert Moraes (2015, p. 156), a sociedade do século XIX medicalizou os termos tratados filosoficamente no século XVIII.

¹⁴ Se acompanharmos Jorge Leite Jr (2000, p. 43), veremos como em sua análise o discurso médico, por sua vez, é bastante moralista, rígido e sexista. Tratando Leite Jr. (2000, p. 47) como uma perversão, poderia se originar tanto hereditariamente quanto ser adquirida, logo essa perversão envolvia levar uma vida desregrada, com pensamentos devassos, bebedeiras e a *terrível masturbação*.

ausência não é o foco principal para o campo *psi* (Paiva, 2019, p. 11). Aqui abordamos Krafft-Ebing, mas muitos outros psiquiatras e psicanalistas se interessaram por tais temas, ao longo do tempo¹⁵.

O próximo tipo ideal em tal história, e o terceiro, é o sadomasoquismo que se liberta das questões criminais e médicas (Paiva, 2019, p. 11). São apropriações ocorridas, em maior grau, no século XX, em que Sade e Sacher-Masoch são redescobertos. Mas não como categorias médicas ou aberrantes, mas como entes que podem nos falar algo de nossa própria dimensão criativa da sexualidade e foram apropriados de formas mais leves, se assim podemos comentar. É aqui que entram Glauco Mattoso e Wilma Azevedo.

Como explicita Donald Thomas (1992, p. 257), o século XX começou com grande quantidade de comentários sobre Sade. Guillaume Apollinaire (1880-1918), pintor, poeta e um antecessor do Surrealismo, apresentou uma seleção dos textos de Sade em 1909, proclamando-o como o possuidor da mente mais livre que este mundo já conheceu; tendo também Apollinaire produzido um tributo próprio a Sade, um romance chamado *As onze mil varas*. Sade foi o “profeta” de uma revolução artística, a qual se manifestou no fim da Primeira Guerra Mundial com, por exemplo, o Surrealismo (Thomas, 1992, p. 260)¹⁶. Essa geração que passa pelos terrores da guerra precisava de um ideal estético menos conservador, havia um cinismo e um ceticismo diante de certas definições clássicas de arte, como uma busca pelo belo, harmônico, transcendente etc.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Sade também alcançou, idealmente, um retardado reconhecimento acadêmico (Thomas, 1992, p. 263). Alguns importantes autores que abordaram Sade são Pierre Klossowski (1991), Simone de Beauvoir (Mattos, 2012), Georges Bataille (2013), o já mencionado Michel Foucault (Sabot, 2013) etc. Mesmo que outros autores contemporâneos possam ser mais críticos ao louvor feito para Sade, vide Michel Onfray.

Mesmo o cinema tentou representar Sade, com suas respectivas limitações (Thomas, 1992, p. 269)¹⁷. Havendo também tentativas até de se criarem mangás, quadrinhos japoneses, sobre relacionamentos sadomasoquistas, algo não tratado por Thomas (1992)¹⁸. Enfim, são vastas tentativas de se apropriarem das relações entre o

¹⁵ Sigmund Freud (1856-1939), exemplificando, também se mostra relevante em sua leitura da questão sadomasoquista.

¹⁶ Grandes pintores se inspiraram em Sade, alguns de modo mais direto e outros não. Como destaca Thomas (1992, p. 261), por exemplo, Léonor Fini, Allen Jones e André Masson.

¹⁷ Tratando Foucault (2009) como Sade foi um autor “alérgico” ao cinema.

¹⁸ Ver: Harada (2016, 2018a, 2018b).

erótico e o violento, em maior ou menor grau, até chegarmos nos dias atuais, por exemplo, em uma franquia de *best-sellers* como *50 tons de cinza*.

Assim terminou surgindo o meio BDSM como conhecemos hoje, que possui seus ritos, locais, códigos que o identificam (Leite Jr., 2000; Melo, 2010; Gadelha, 2016; Silva, 2015; Machado, 2017). Nos anos 70, esses grupos vão crescer graças, possivelmente, aos movimentos de contracultura, como o movimento *punk*. Roupas de couro, peças de metal, marcas e perfurações na pele, todos esses elementos surgem do diálogo com os grupos BDSM (Leite Jr., 2000, p. 83-85).

Temos de ver também, entretanto, como esses movimentos dialogam com mais de uma fonte. Não sendo sem razão que Camilo Braz (2010) vai tratar como o couro já era elemento mais antigo no imaginário cultural, citando como o fotógrafo inglês Tom Nicoll retratava homens vestidos de couro nos anos 40, e teria sido uma das inspirações do artista *Tom of Finland* (Braz, 2010, p. 54-55)¹⁹. A popularidade de Tom entre homossexuais, nos Estados Unidos, se manteve durante décadas, envolvendo uma subcultura *leather gay* (Braz, 2010, p. 56-57).

3 O SADOMASOQUISMO ERÓTICO EM GLAUCO MATTOSO E WILMA AZEVEDO

Como estamos vendo, os conceitos de sadismo, masoquismo e sadomasoquismo se desenvolvem de acordo com uma época e com os atores sociais em questão. As apropriações dos termos existentes no Brasil possuem assim sua própria história, mesmo dialogando com eventos internacionais. Dessa forma, se no fim dos anos 60 vemos desejos de maiores liberdades sexuais, em um jogo de forças com a Ditadura Militar, temos de entender como os atores pioneiros do sadomasoquismo erótico dialogaram com os poderes e saberes que estavam presentes.

Se o século XX foi um momento histórico de releituras de Sade, e na esteira Sacher-Masoch, apropriando-o de forma que retira os mais sérios elementos criminais, ou médicos, vemos também este movimento sendo feito nas leituras de Mattoso e Azevedo. Como é mostrado em Facchini e Machado (2013) e em Machado (2017), há uma importância nas obras de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo como divulgadores do sadomasoquismo erótico no Brasil, em uma época em que tal circulação de ideias ainda não era tão rápida, na falta da *internet*. Sendo que seus escritos, podemos acreditar, foram o primeiro contato de

¹⁹ O verdadeiro nome do artista era Touko Valio Laaksonen (1920-1991).

muitos brasileiros com o tema de modo não psicopatológico. Machado (2017, p. 31) mostra como, através de depoimentos colhidos, os nomes de ambos eram citados, sendo vistos, em algum nível, como precursores, mas eles não são os únicos pioneiros. Outras figuras importantes também surgem, como o falecido Cosam Atsidas e o cartunista Henfil (Machado, 2017, p. 32).

Sobre o contexto existente, é válido mencionar como nos anos 70 havia uma efervescência cultural e política, ponto já descrito. Porém, em contrapartida, existia uma repressão da Ditadura Militar. As manifestações artísticas após o AI-5, de 1968, sofreram duros golpes (Machado, 2017, p. 34). Sobre este momento no país, Wilma Azevedo (1998, p. 26) comenta como a prática do amor livre na década de 70 e o costume do *swing* em 80²⁰, fizeram que o povo brasileiro fosse trilhando uma “escala de prazer”. Assim, a década de 90 não se assustava com o sadomasoquismo. Em 1993, em São Paulo, por exemplo, as danceterias começaram uma “onda *light*” de referências ao tema²¹.

Mattoso foi parte de um contexto de ativismo homossexual²² e ainda era uma mentalidade ligada ao combate contra o governo militar no seu *Manual* (Machado, 2017, p. 36)²³, possuindo um claro discurso contra certos grupos do meio *psi* (Mattoso, 2006; Machado, 2017, p. 127).

Sobre *Manual do podólatra amador: Aventuras & leituras de um tarado por pés*: em tal autobiografia sexual, vemos como realidade e ficção se mesclavam mais do que em Wilma Azevedo (Facchini; Machado, 2013, p. 202). Mesmo que, claro, não possamos simplesmente acreditar, de modo irrefletido, em tudo o que Mattoso trata. Afinal, como Rafaella Souza (2010, p. 11) vai escrever: “Mattoso ficcionaliza os acontecimentos, de um jeito que cria uma atmosfera de incerteza, no jogo entre vida e arte”.

Glauco Mattoso, mesmo que transgressor em sua escrita, e assim próximo ao Bataille (2018) e Hilda Hirst (2014; Leal, 2018), Sade, Mario Mieli etc., não procura os mesmos tipos de transgressões descritas pelo libertino francês, no sentido de ser algo extremo e não consensual. Mattoso diz que o seu interesse maior não era o puro sofrimento

²⁰ Está falando de *troca de casais*, ver Azevedo (1998).

²¹ Essa São Paulo de 1993 se fascinou pela cena sadomasoquista, saindo da obscuridade, exibindo roupas de couro, muito látex, imobilizadores etc. (Azevedo, 1998, p. 28). Há referência como esta gradual abertura teve auxílio também do cinema e de grandes diretores, que iam contra filmes, chamados por ela de *duvidosos*, pois mesclavam o sadomasoquismo erótico e o sadomasoquismo-maldoso, gerando confusão. Tratando Azevedo de obras como *Império dos Sentidos*, *A bela da tarde*, *História d’O* etc. (Azevedo, 1998, p. 26-27).

²² A autora de *A Vênus de Cetim* pouco tratava da questão homossexual, explicitando como muito já se havia escrito e desvendado dos *mistérios* sobre tal assunto (Azevedo, 1998, p. 160). Ela não apresenta uma visão muito aprofundada do tema, mas defendeu deputados que lutavam pelo casamento entre homossexuais.

²³ Sua crítica da época era muito mais no âmbito cultural do que no explicitamente político.

físico, mas a humilhação (Mattoso, 2006, p. 182); logo, percebemos como essa transgressão está no seu perfil *antiestético*, irônico e contestador, mas não na violência de Sade. Pela consensualidade, em certos elementos, ele se mostra mais perto de Sacher-Masoch²⁴.

Um elemento interessante, percebido por Sérgio Telles (2006, p. 8), é o de que se muitos homossexuais do período desejavam *normalização*²⁵, Mattoso ia na contramão de tal anseio, vide Mario Mieli, tratando de temas polêmicos, para além da podolatria/sadomasoquismo, como a coprofagia, desejos incestuosos por um irmão, desejos zoófilos etc²⁶.

Em seu *Manual*, o autor dialoga com Sade, Sacher-Masoch, Restif De La Bretonne, Deleuze, em uma escrita muito livre e aberta, que mistura autores clássicos, cinema *pop*, sua vida etc. Sobre sua biografia²⁷, deslumbramos como Mattoso começou cedo com brincadeiras eróticas, envolvendo um menino um pouco mais velho (Mattoso, 2006, p. 22-4). O pé apareceu cedo entre seus interesses eróticos, comentando como ele, jovem, pegava os calçados de pessoas alheias para cheirar e se masturbar.

Mattoso fala como se desenvolveu nele um fetiche *antiestético*²⁸, em sua relação aos pés masculinos, fétidos etc. (Machado, 2017). Mattoso possui, ao longo de toda sua vida, tal interesse por pés. Há no livro, por exemplo, um momento em que ele se finge de calouro, de uma universidade paulista, para passar por um trote agressivo, que envolvia os calouros lamberem sapatos alheios.

O autor de *Manual* trata como o pé masculino se mostra uma figura clandestina, mesmo na literatura *gay* (Mattoso, 2006, p. 72). Dessa maneira, escrever tal livro se mostrou mais fácil do que ele previa inicialmente, porque apenas era necessário Mattoso ficar orbitando pelo que ele já tinha lido e feito, em torno da questão da podolatria, vista como um elemento atrelado ao sadomasoquismo (Mattoso, 2006, p. 162).

Já Wilma Azevedo, em *Sadomasoquismo sem medo*, produz discursos de legitimação, que renegociam com teorias do campo *psi* (Machado, 2017, p. 130). Fazendo uma diferenciação entre o que é o patológico e o que não é, dentro do BDSM, de maneira

²⁴ Como também é explicitado, pelo próprio Mattoso (2006), houve uma recepção acadêmica aos seus textos, tendo autores como Néstor Perlongher, Leo Gilson Ribeiro, Sérgio Telles, David William Foster escrito sobre ele.

²⁵ Um ponto também apontado de maneira, relativamente, similar por Antônio Teixeira (2010).

²⁶ Mattoso (2017) diz que quando o movimento *gay* surgiu no Brasil, uma palavra chave da época era igualdade, mas ele não desejava se igualar.

²⁷ Elemento também tratado por Machado (2017).

²⁸ Por *antiestético*, entendemos algo que vai contra certos valores de beleza e harmonia apresentados em, por exemplo, Roger Scruton (2013).

mais clara. Azevedo (1998), em vários momentos de seu livro, trata de estudos que ela se aproveitou para entender o campo da sexualidade, sempre em um diálogo com a medicina, psicanálise etc. O livro mescla cartas recebidas pela autora, já que ela possuía um arquivo que na época somava quase 15.000 mensagens (Azevedo, 1998, p. 11), e histórias de eventos de sua vida; tratando, por exemplo, de quando foi para Europa e viu também clubes de sadomasoquismo nos Estados Unidos (Azevedo, 1998, p. 12). Há apresentação de algumas lições básicas, conceituações simples, sobre a sexualidade.

A autora fala como já escreveu mais de duzentos textos, entre contos eróticos, artigos, reportagens gerais (Azevedo, 1998, p. 13), igualmente se apresentando como uma primeira dominadora publicamente declarada no Brasil (Azevedo, 1998, p. 15). Sobre essas classificações usadas por Azevedo, podemos citar como mais relevantes os termos: S.M.E, o Sado-Masoquismo-Erótico, que é descrito como pessoas que se excitam eroticamente ao praticarem sadismo e masoquismo sensual, respeitando os limites, as fantasias e os desejos do parceiro. E também o S.M.P, sigla para o Sado-Masoquismo-Psicopático, envolvendo pessoas doentes, com personalidades deformadas, que praticam atos desumanos, assim desrespeitam regras da sociedade, chegando ao crime (Azevedo, 1998, p. 9).

Machado (2017, p. 132) comenta como há uma retórica de ajuda dentro da obra, no sentido que Azevedo tenta legitimar o livro como um trabalho de esclarecimento, que estava ajudando muitos de seus leitores. Não sendo sem razão que Machado (2017) trata do texto enquanto um manual²⁹, ajudando na libertação sexual de muitas pessoas, principalmente mulheres, de sua geração. Há, que fique claro, todo um diálogo possível aqui entre BDSM e Feminismo ou Teoria Queer. *Sadomasoquismo sem medo* é uma obra que retrata uma época, em que a *internet* ainda estava sendo desvelada. Tanto é que outro livro temporalmente próximo, mas com diferenças significativas, é o *Sem mistério*, de Edgeh³⁰, que já apresenta, em certas questões, um formato mais atualizado ao meio virtual; tal autor, por exemplo, coloca um número significativo de *sites* para os leitores se aprofundarem em tópicos por ele colocados³¹.

Entendemos assim como, nos anos 80, os praticantes brasileiros do sadomasoquismo se comunicavam mais através de contos eróticos, autobiografias,

²⁹ Seu principal desejo, bastante repetido, é a separação entre o que é o sadomasoquismo enquanto crime ou patologia e o sadomasoquismo erótico e consensual.

³⁰ Também analisado por Machado (2017).

³¹ Para conferir os *sites* apresentados em tal livro, ver Machado (2017).

cartas/anúncios em jornais e revistas. Nos anos 90, passam a se comunicar mais por meio de fóruns, *blogs*, *sites*. Por fim, na segunda metade dos anos 2000, mais ou menos, vemos esse tipo de discussão ocorrer através de redes sociais e grupos fechados, como o Facebook³² (Machado, 2017, p. 120-121).

Glauco se formou em um ambiente de militância acadêmico-literária com grandes críticas aos discursos médicos e psicológicos, correspondendo-se por cartas e anúncio e se vinculando com uma estética da subversão e da polêmica. Enquanto vemos em Wilma Azevedo (1998), um modelo de manual, que está mais ligado com fontes médicas e busca por legitimação (Machado, 2017, p. 144).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi analisado no presente texto introdutório que o sadomasoquismo é um conceito polissêmico e histórico. É nítido como diferentes épocas e atores sociais se apropriaram de diversas formas das obras de Sade, Sacher-Masoch etc. E, seguindo Paiva (2019), constatamos: um tipo é a leitura das obras originais de Sade e Sacher-Masoch, outro são tais apropriações psiquiátricas e psicanalíticas realizadas, envolvendo Krafft-Ebing, Freud, Lacan (Riaviz, 2000). E mesmo que no século XX o sadomasoquismo ainda esteja presente em guias psiquiátricos, há agora mais apropriações nos campos artísticos e filosóficos; extirpando os elementos de crime ou doença³³. No século XX, desenvolve-se todo um interesse estético e erótico pelo sadomasoquismo, que se apropria dos elementos de Sade/Sacher-Masoch de um modo mais socialmente aceito. O importante é o elemento de consensualidade, com o lema do SSC, isto é, são, seguro e consensual, e a criação do conceito de *safe word*, envolvendo uma palavra que se for dita deve fazer parar imediatamente o ato sadomasoquista.

Nesta esteira, também vemos como o caso brasileiro dialogou com elementos próprios, em uma díade de criar algo único, porém em diálogo com o que existia em outros países. O nosso sadomasoquismo é único, por nossos autores iniciais estarem dialogando com uma resistência, mais no campo cultural, ao governo dos militares no Brasil; envolvendo uma rede de entes e grupos, como João Silvério Trevisan, o grupo *Somos*, Caetano Veloso, Millôr Fernandes etc., em um contexto que mesclava uma liberdade sexual crescente e um desejo de redemocratização no Brasil.

³² Também tratando do Orkut e do Fetlife (Machado, 2017, p.147).

³³ Nesse sentido, Sade, para os Surrealistas, é alguém vanguardista.

Vimos como Glauco Mattoso apresenta um discurso de resistência contra o campo *psi* e mesmo uma ironia contra o conservadorismo social³⁴. Sua escrita é propositalmente transgressora. Já Azevedo (1998) parece estar mais em diálogo com os saberes médicos/psicanalíticos, talvez até por estar escrevendo com um distanciamento maior, em relação aos meados dos anos 80. Tanto Azevedo quanto Mattoso apresentam obras que misturam elementos e criam diálogos entre os clássicos e os contemporâneos, sendo fontes históricas ricas para uma análise do sadomasoquismo erótico que se instalou no Brasil.

O presente ensaio não possuiu como pretensão esgotar nenhum de seus temas, sendo mais uma introdução para certas discussões, que podem ser confusas, por causa de polissemias e ambivalências conceituais. Muitas questões interessantes não foram abordadas. Um ponto, inclusive, que gostaríamos de tratar melhor futuramente, é como esse combate estético de Glauco Mattoso contra certo conservadorismo social, pode dialogar com uma estética *queer*, que também é uma forma de contestar normalizações, elementos dominantes heteronormativos, criar alianças entre diferenças, entre outros.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Wilma. **Sadomasoquismo sem medo**. São Paulo: Iglu, 1998.

BATAILLE, Georges. **História do olho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: Autêntica Editora, 2013.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2010.

CASTRO, Clara. **Os libertinos de Sade**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. "Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 195-228, ago. 2013.

FOUCAULT, Michel. Sade, sargento do sexo. *In*: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e Escritos III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

³⁴ Enquanto também viu com tristeza o surgimento da epidemia de AIDS no Brasil.

- GADELHA, José Juliano Barbosa. **O sensível e o cruel**: uma aprendizagem pelas “performances” sadomasoquistas. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- GIANNATTASIO, Gabriel. **Sade**: um anjo negro da Modernidade. São Paulo: Imaginário, 2000.
- GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**. São Paulo: UNESP, 2019.
- GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (orgs.). **Ditadura e Homossexualidades**: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade. São Paulo: EDUFSCAR, 2014.
- HARADA. **Yatamomo, Tome 1**. Le Val: Boys Love Editions, 2016.
- HARADA. **Yatamomo, Tome 2**. Le Val: Boys Love Editions, 2018a.
- HARADA. **Yatamomo, Tome 3**. Le Val: Boys Love Editions, 2018b.
- HILST, Hilda. **Pornô chiq**. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2014.
- KLOSSOWSKI, Pierre. **Sade, my neighbor**. Illinois: Northwestern University Press, 1991.
- LEAL, Aline. **Sob o sol de Hilda Hilst e Georges Bataille**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2018.
- LEITE JR., Jorge. **Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo**. Relatório final da bolsa de Iniciação científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC, 2000.
- MACHADO, Sarah Rossetti. **De transtornos, tormentos e delícias**: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014). 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.
- MATTOS, Elizângela Inocêncio. A presença de Sade na obra de Simone de Beauvoir. In: **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 214-223, 2012.
- MATTOSO, Glauco. **Manual do podólatra amador**. São Paulo: All Books, 2006.
- MELO, Marília Loschi de. **A dor no corpo**: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MORAES, Eliane Robert. **Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos**. São Paulo: Educ, 1992.
- MORAES, Eliane Robert. **Sade, a felicidade libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2018.
- MOTA, Murilo Peixoto da. **Saindo do armário**: da experiência homossexual à construção da identidade gay. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

O ESTAÇÃO Plural conversa com o poeta Glauco Mattoso. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=APavu7e4dug>. Acesso em: 28 dez. 2019.

PAIVA, Mário Jorge de. Sadismo, masoquismo e sadomasoquismo: apresentação da variação conceitual/cultural existente dentro de um quadro de tipologias ideais. *In*: Congresso Dadá de Estudos de Gênero, 1, 2019, Serra Talhada. **Anais do Congresso Dadá de Estudos de Gênero**. Serra Talhada: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

PHILLIPS, John. **The Marquis de Sade**: a very short introduction. Nova York: Oxford University Press, 2005.

RIAVIZ, Eduardo. **Sade em Lacan**: uma ética da transgressão. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.

RUSSO, Jane Araújo. A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 172-194, 2013.

SABOT, Phillippe. Foucault, Sade e as luzes. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, Bahia, v. 2, n. 2, p. 111-121, 2013.

SACHER-MASOCH, Leopold von. **A Vênus das peles**. São Paulo: Hedra, 2015.

SADE, Donatien Alphonse François de. Justine, or the misfortunes of virtue. *In*: GILLETTE, Paul J. (org.). **The complete Marquis de Sade**. Nova York: Kensington Books, 2006a.

SADE, Donatien Alphonse François de. The 120 Days of Sodom. *In*: GILLETTE, Paul J. (org.). **The complete Marquis de Sade**. Nova York: Kensington Books, 2006b.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2013.

SILVA, Vera Lucia Marques da. **Sob a égide do chicote**: uma leitura acerca do amor na contemporaneidade. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015.

SOUSA, Rafaella Lemos dos Reis. **Glauco Mattoso**: escrita e transgressão. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TELLES, Sérgio. Nota do organizador da coleção. *In*: MATTOSO, Glauco. **Manual do podólatra amador**. São Paulo: All Books, 2006.

TEIXEIRA, Antônio Cláudio Engelke Menezes. A vanguarda conservadora: aspectos políticos e simbólicos do movimento LGBT. **Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 63-80, 2010.

THOMAS, Donald. **Vida e obra do Marquês de Sade, o filósofo libertino**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE SANDOMASOQUISMO ERÓTICO NO BRASIL: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE GLAUCO MATTOSO E WILMA AZEVEDO.

Mário Jorge de Paiva

Doutor em Ciências Sociais (PUC-Rio)

Pesquisador autônomo

mariojpaiva91@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Sousa Lima 65, 22081010, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao escritor Glauco Mattoso.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 04/12/2023

Aprovado em: 09/01/2024

